

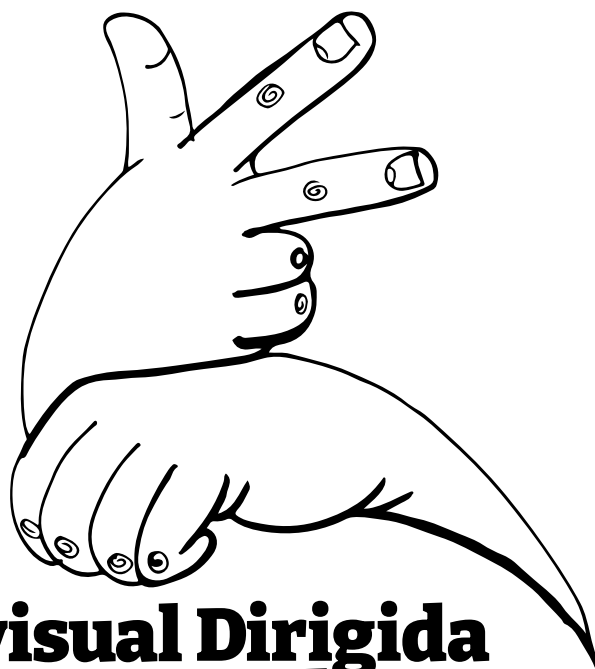


Inclusive,
Cultura



Guia
de **Produção Audiovisual Dirigida**
por **Pessoas Surdas**

1ª Edição
Brasília - DF



Guia
de **Produção Audiovisual Dirigida**
por **Pessoas Surdas**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cruz, Beatriz Campos

Guia de produção audiovisual [livro eletrônico]:
dirigida por pessoas surdas / Beatriz Campos Cruz.--

1. ed. -- Brasília,DF: Ed. da Autora, 2024. PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-00-96907-8

1. Cinema 2. Filmes - Produção e direção
3. Linguagem audiovisual 4. Produção audiovisual
I. Título.

24-1 9791 0

CDD-302.234

Índices para catálogo sistemático:

1. Cinema: Linguagem audiovisual: Meios de
comunicação: Sociologia 302.234

Aline Graziel e Benitez - Bibliotecária -CRB-1/3129

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Parceria

redô
AUDIOVISUAL

Realização/ Produção

Inclusive,
Cultura

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

GDF
É tempo de ação.

Introdução	7
1 Interações Inclusivas em Set	9
2 Contexto de Produção Audiovisual para (por) Pessoas Surdas	25
3 Estética Acessível.....	31
3.1 Direção de fotografia:.....	32
3.2 Som.....	33
3.3 Direção de arte.....	34
3.4 Montagem/Edição	35
4 Produção Acessível.....	37
4.1 Pré-produção:	37
4.2 Produção:	39
4.3 Pós-produção:	40
4.4 Distribuição:.....	41
Considerações Finais	43
Referências	46
Créditos	48

O Vento

Os ventos sopram com força,
Movem as folhas,
As árvores dançam,
Assim como minhas mãos,
Que contam histórias em sinais.
Cada gesto, um sopro de vida,
Cada expressão, um eco do coração,
Os ventos carregam meus sinais,
Levando palavras para além do horizonte,
Onde ouvidos não são necessários,
Apenas olhos atentos,
Que leem o vento.

(Pinheiro, O Vento)

O poema “O Vento”, da poetisa e linguista Nádya Pinheiro, foi escolhido para iniciar este texto, dedicado e construído precipuamente por uma pessoa surda, **Beatriz Campos Cruz**, na qualidade de linguagem que evoca reflexão, não apenas pelo o que é dito, mas sobretudo pelo o que é aludido, ven-ti-la-do. Por isso, selecioná-lo é um indicativo de que nossa intenção é reverberar toda a potência deste **Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas**. Dito isso, “O Vento” ilustra como a poesia em Libras pode ser rica e expressiva, utilizando-se de elementos visuais e cinéticos da língua de sinais para criar uma experiência poética única para a comunidade surda, mas que não inicia e para nela, pois é a força coletiva e empática que possibilita a ampliação de direitos e um contexto equitativo, em que os vulneráveis ascendem e todos têm seu devido lugar de expressão.

Introdução

A produção audiovisual tem um papel crucial na disseminação de informações, de cultura e de entretenimento. No entanto, a acessibilidade nesse contexto de produção para a comunidade surda, bem como feita e dirigida por essa comunidade, ainda enfrenta grandes desafios. Este guia, desse modo, tem a finalidade de preencher essa lacuna, fornecendo diretrizes práticas e teóricas para a criação de conteúdos audiovisuais por e para pessoas surdas.

A inclusão e a acessibilidade não são apenas direitos fundamentais à dignidade da pessoa humana, mas também são elementos essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Em afinidade, vê-se a comunidade surda frequentemente sub-representada na mídia, ainda que possua uma rica cultura e uma linguagem próprias que merecem ser valorizadas e representadas de forma adequada.

Como efeito dessa situacionalidade, este guia é um projeto interventivo que visa capacitar profissionais e amadores a produzir conteúdos audiovisuais que respeitem e celebrem a diversidade linguística e cultural das pessoas surdas. Ao seguir as orientações aqui apresentadas, espera-se não apenas melhorar a qualidade e acessibilidade das produções audiovisuais, mas também promover um maior entendimento e respeito pelas particularidades da comunidade surda.

Por isso, convidamos você a embarcar nesta jornada de aprendizado e de transformação,

na intenção de contribuir para um futuro no qual todas as formas de linguagem, audíveis ou não, possam ser plenamente vistas, ouvidas e apreciadas.

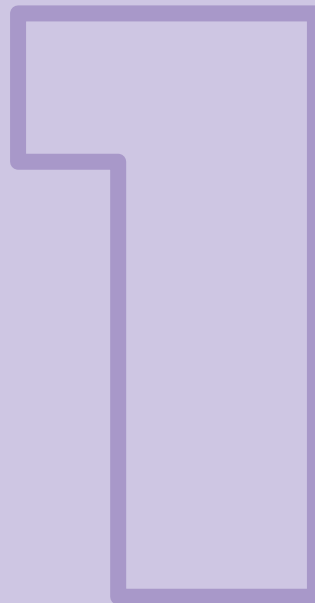
Para tanto, desenvolvemos uma estrutura diática – teórica e prática – para **O Guia de Produção Audiovisual Dirigida por pessoas surdas**, que segue: amostragem das “melhores práticas em set” para acolher e desenvolver as competências e as habilidades de pessoas surdas; contextualização da história e da atual prática social das pessoas surdas em relação à produção audiovisual; a construção de uma estética audiovisual acessível à comunidade surda; a produção acessível de produtos audiovisuais para (por) pessoas surdas; e, por fim, a apresentação das considerações finais, como forma de trazer reflexões acerca da iniciativa, assim como avultar futuras possibilidades na construção de contextos mais acessíveis à comunidade surda.



1 Interações Inclusivas em Set

A acessibilidade é um dos processos importantes e conjunturais da inclusão, por isso que estabelecer uma relação responsável e recíproca de comunicação, dentro de um ambiente de trabalho e (ou) estudo, possibilita o ajustamento dos integrantes do grupo, independentemente das condições de cada participante. Diante disso, nosso foco é promover a inclusão em suas diversas formas de apresentação. Logo, o título deste capítulo Interações Inclusivas em Set corrobora o objetivo das práticas, ou ações, cabíveis nesse contexto de produção audiovisual.

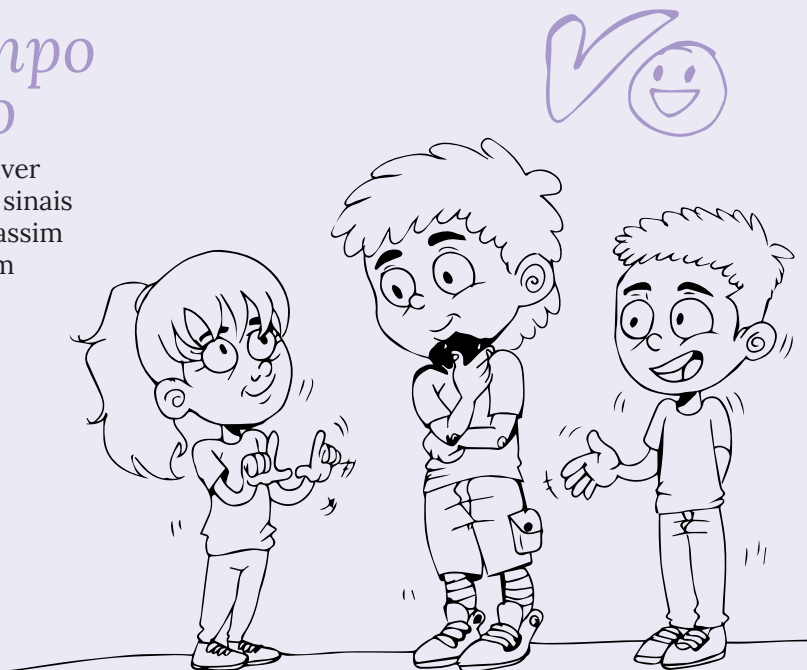
Dessa forma, este capítulo destina-se a práticas corriqueiras em set audiovisual voltadas à inclusão assertiva de pessoas surdas. Nessa intenção, listamos 15 passos basilares, mas veementemente aconselhados, para que o processo de adaptação e desenvolvimento das competências e das habilidades em produção audiovisual das pessoas surdas seja humanizado e profissionalmente empático.



[i]

Respeite o tempo de sinalização

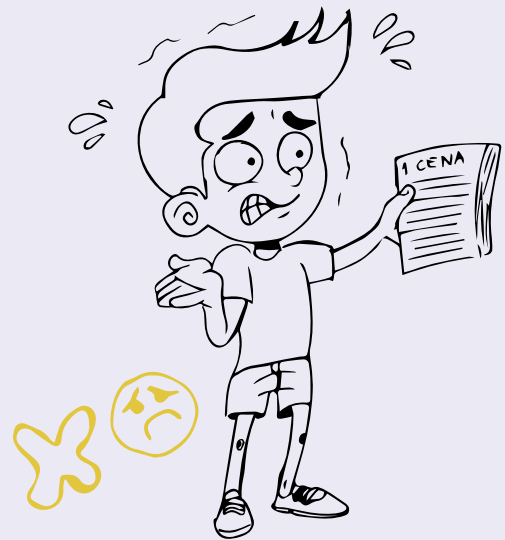
enquanto uma pessoa surda estiver sinalizando (usando a Língua de sinais para se comunicar), aguarde-a, assim como o intérprete, terminar, sem interrupção.



[ii]

Produza versão do roteiro em Libras

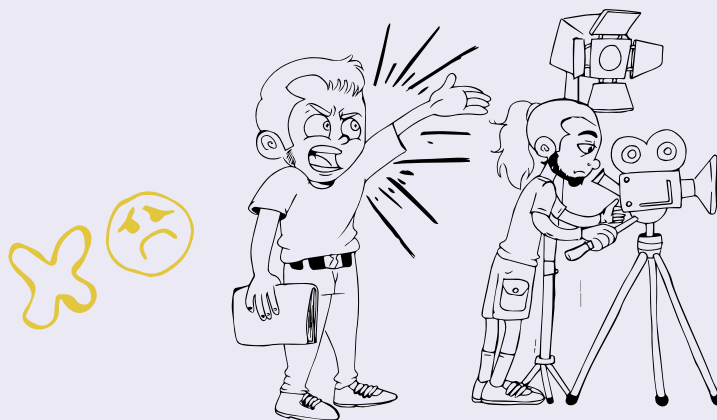
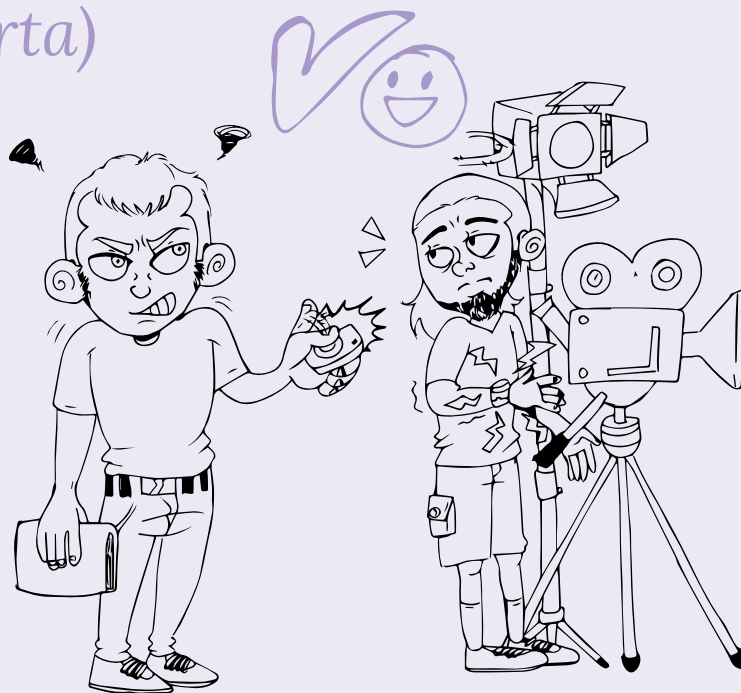
nem todas as pessoas surdas têm a Língua Portuguesa fluente, por isso é essencial ter uma versão do roteiro em vídeo traduzido para a Língua de sinais.



[iii]

Acate as ordens no set (ação, corta)

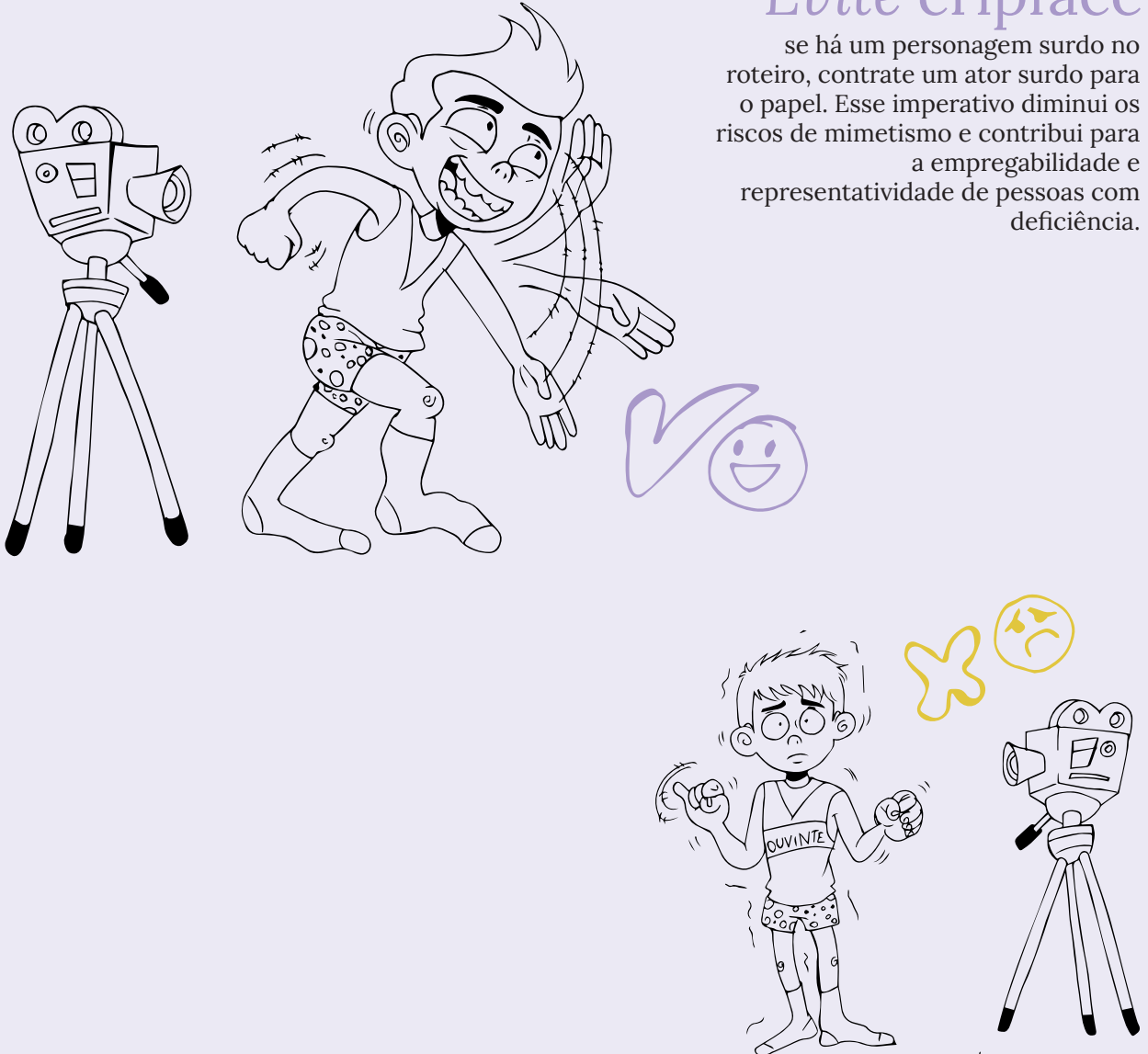
a equipe pode pensar em gestos e estratégias que identifiquem as ordens no set, em caso de uma produção com equipe totalmente surda, ou ficar atenta à entrada e à saída de sinal oralizadas pelo intérprete do diretor surdo sinalizante.



[iv]

Evite cripface

se há um personagem surdo no roteiro, contrate um ator surdo para o papel. Esse imperativo diminui os riscos de mimetismo e contribui para a empregabilidade e representatividade de pessoas com deficiência.



[v]

Ofereça som acompanhado por ouvinte

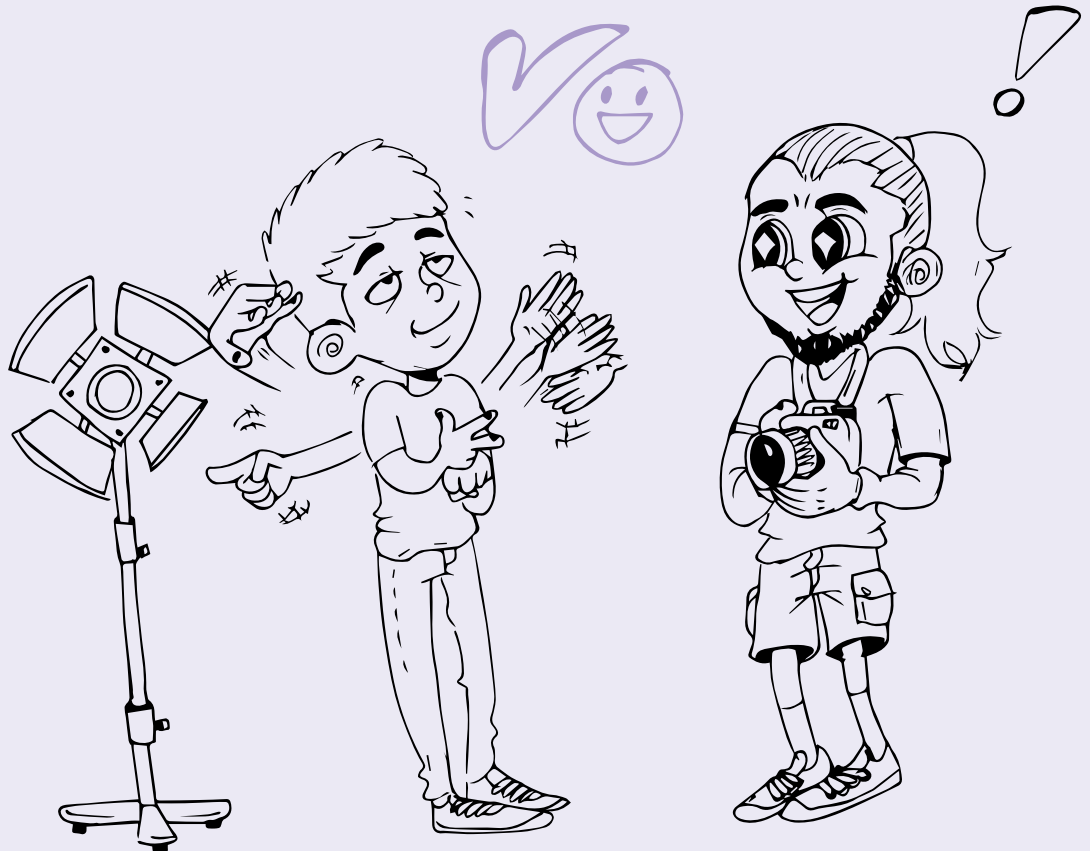
se o(a) diretor(a) for surdo, faz-se necessário o acompanhamento do design, da captação e da edição de som por ouvinte (pessoa que não tem deficiência auditiva).



[vi]

Contrate intérprete na equipe

dentro da equipe deverá ter profissionais de tradução e de interpretação da Língua de sinais com conhecimento de vocabulário na área cinematográfica.



[vii]

Oportunize legendas descritivas especializadas

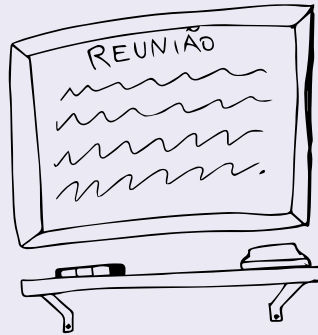
o produto deverá ser legendado com as especificações necessárias para pessoas com deficiência auditiva por profissional capacitado na área.



[viii]

Faça documentações de set inclusivas

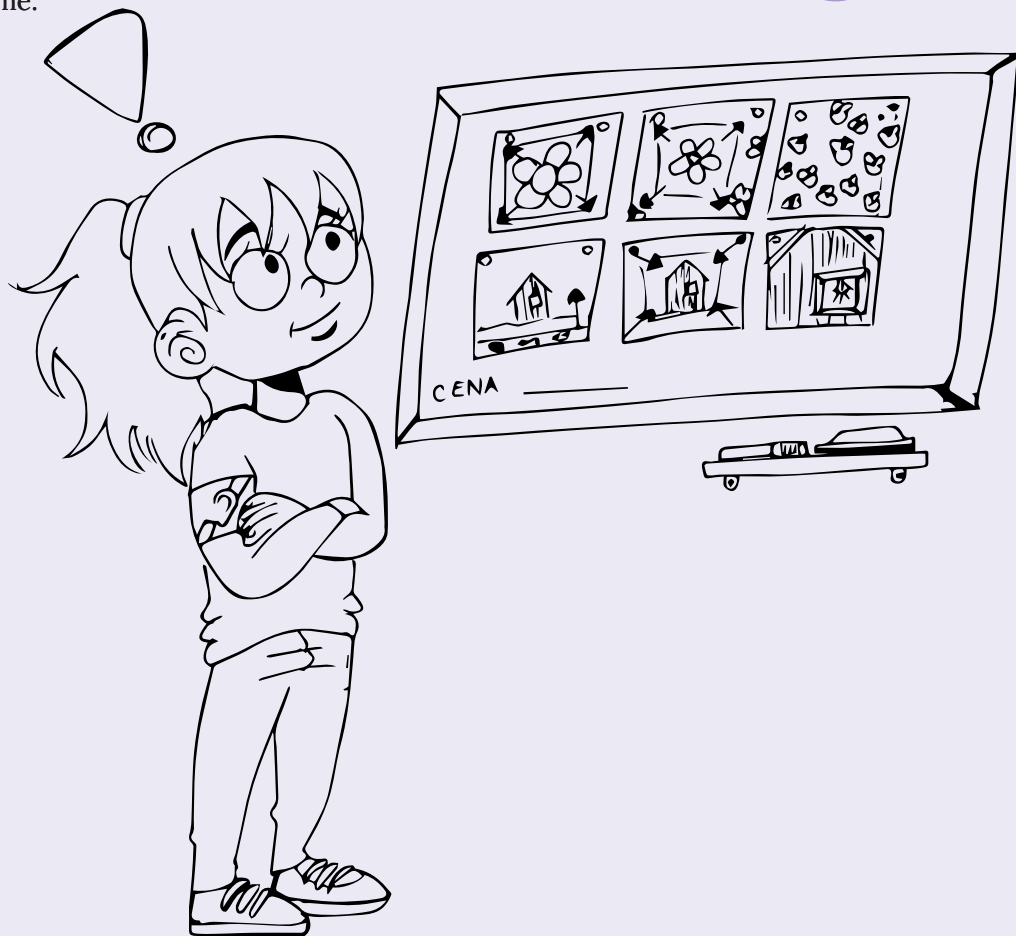
todas as documentações, como ordem do dia, ata de reuniões, roteiro, devem ser traduzidas para Libras para que a equipe surda sinalizante possa acessar.



[ix]

Inclua storyboard

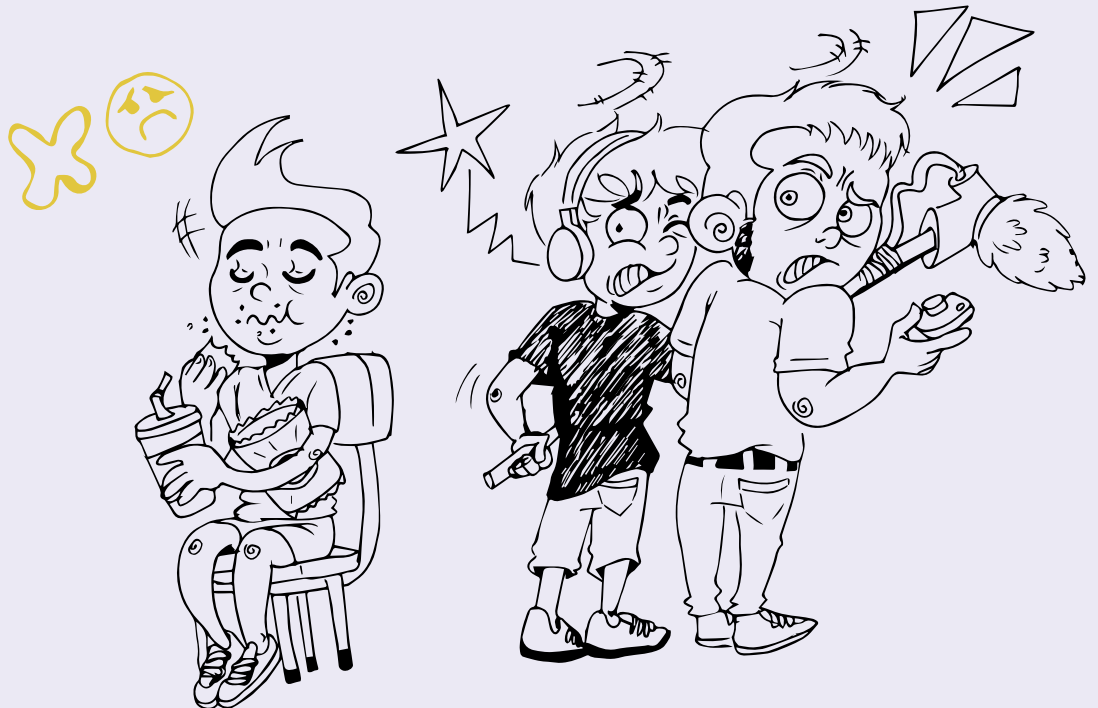
é uma ferramenta muito útil para os surdos da equipe compreenderem de forma visual os planos, a estética e a narrativa do filme.



[x]

Oriente a equipe surda sobre a percepção sonora no set

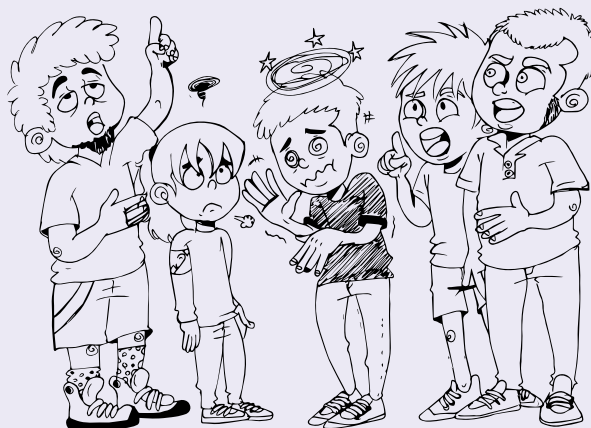
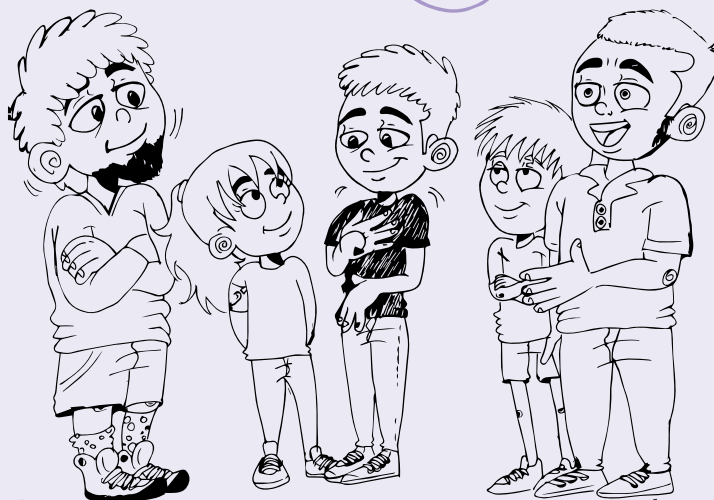
é importante alertar o grupo surdo sobre os ruídos no set, pois a compreensão dos sons e dos ruídos é diferente, o que pode fazê-los não notar que estão interferindo na captação de som.



[xi]

Tenha paciência e maximize tempo de gravação

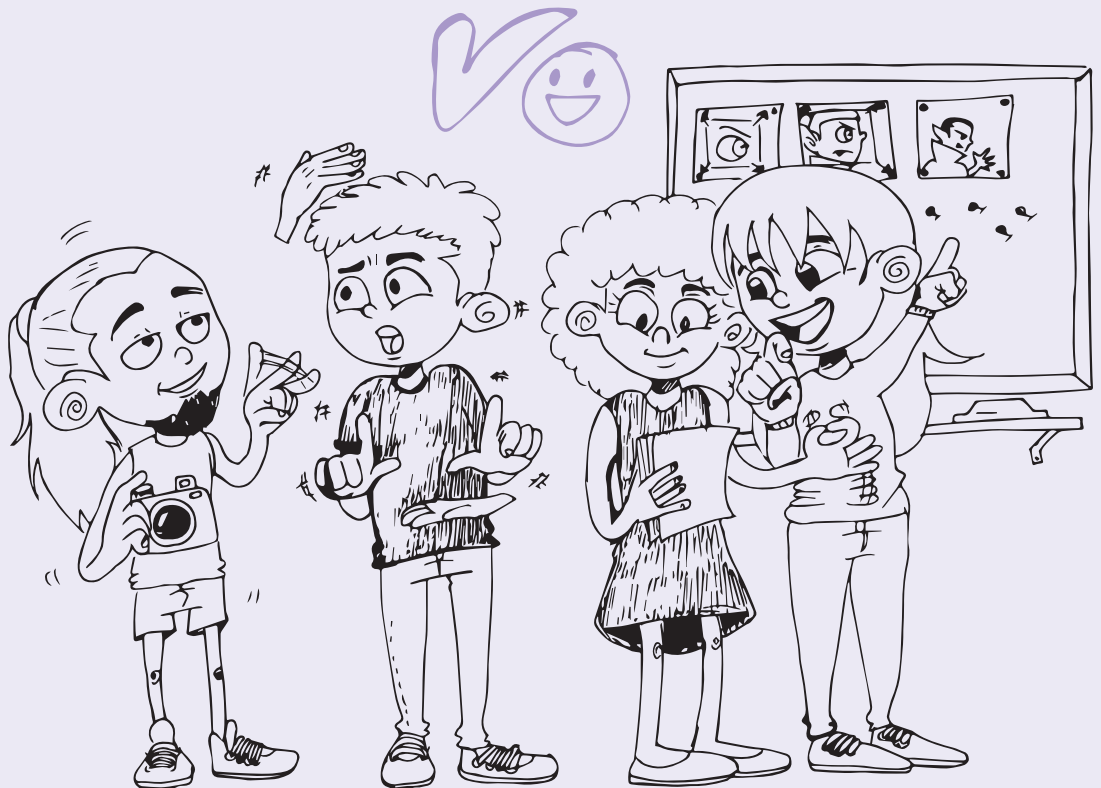
os comandos e a comunicação no set devem ser compreendidos por toda a equipe. Os intérpretes vão mediar a comunicação - em Libras, para os surdos sinalizantes; e oralizada, para os surdos que fazem leitura labial e para ouvintes, fazendo com que o tempo seja um pouco mais lento. Por isso, tenha paciência, espere seu momento e não fale antes do término da interpretação.



[xii]

Acompanhe os atores

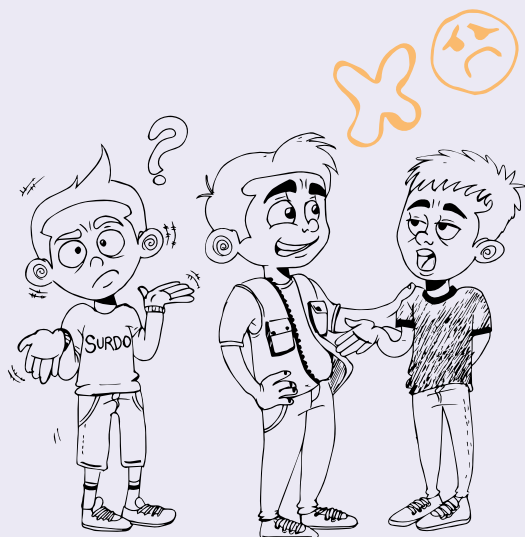
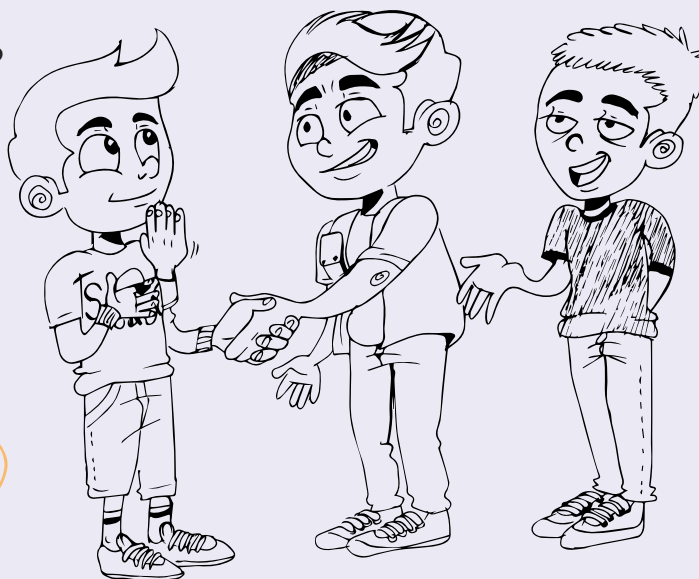
é ideal que cada ator surdo sinalizante tenha um intérprete particular para que ele se comunique com a equipe sem quaisquer barreiras. Contudo, em projetos de baixo orçamento, é indicado um intérprete a cada três pessoas surdas.



[xiii]

Fale diretamente com o surdo, não com intérprete

quando um ouvinte quer conversar com um surdo por meio de interpretação/tradução, é essencial que ele olhe para o surdo, não para o intérprete.



[xiv]

Elimine termos capacitistas

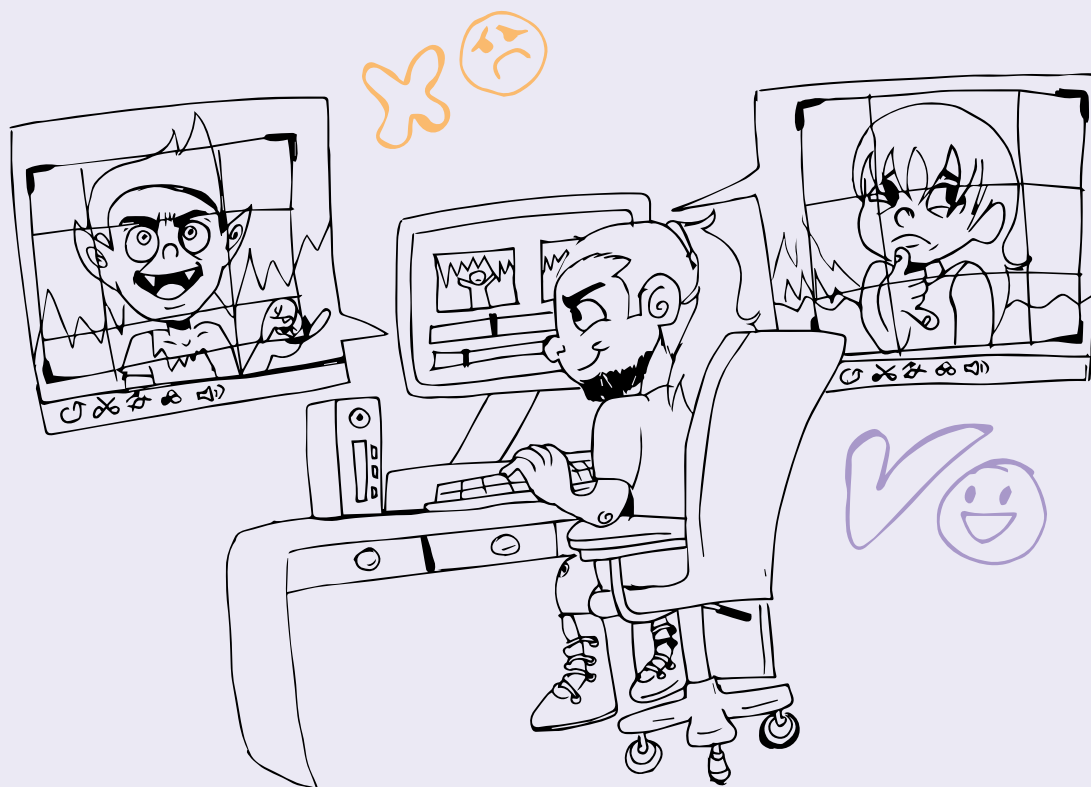
não use termos preconceituosos. Eduque a si e a sua equipe para que sejam usados os termos corretos e adequados ao contexto do set em relação às pessoas com deficiência.



[xiii]

Certifique-se de que a Libras não foi interrompida

atente-se ao tempo de montagem e de corte da cena, de forma condizente ao tempo da Libras, pois, se houver corte antes da finalização dos movimentos, o diálogo estará incompleto.



2 Contexto de Produção Audiovisual para (por) Pessoas Surdas

Este capítulo tem como objetivo explorar o contexto da produção audiovisual voltada para pessoas surdas, destacando a importância da inclusão desses profissionais em todas as etapas do processo criativo. A partir de uma análise detalhada das necessidades e dos desafios enfrentados por produtores e produtoras surdos(as), discutiremos como tornar o set de filmagem mais acessível e produtivo. Serão apresentadas, dessa forma, estratégias para melhorar a comunicação entre surdos(as) e ouvintes, visando à criação de obras verdadeiramente inclusivas, desde o roteiro até a exibição final. Abordaremos, também, dados estatísticos que revelam a sub-representação das pessoas com deficiência auditiva no mercado de trabalho e na educação formal. A análise incluirá barreiras de comunicação, bem como os preconceitos e a falta de recursos de acessibilidade em editais governamentais e plataformas de *streaming*. A partir desse panorama, propomos soluções práticas para fomentar a participação ativa de pessoas surdas na produção audiovisual, contribuindo para um ambiente de trabalho mais inclusivo e equitativo.



Dados estatísticos da Organização Mundial da Saúde (OMS) comprovam que, no mundo, quase 2,5 bilhões de pessoas têm deficiência auditiva (OMS, 2021), sendo cerca de 17 milhões desses brasileiros e brasileiras (IBGE, 2019). Contudo, quantas produções encabeçadas por pessoas com deficiência auditiva existem e quantas circulam pelo mercado audiovisual? Infelizmente, poucas!

Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) aponta que a taxa de participação das pessoas com deficiência auditiva no mercado de trabalho era de 28% – menos da metade do percentual de pessoas sem deficiência, corroborado pelo número 66,3%.

Em todos os níveis da educação formal, pessoas com deficiência (PcD) são minoria e raramente conseguem acessar seus direitos de forma plena nesse ambiente.

Chegando aos dados do Distrito Federal, onde nossa pesquisa foi realizada, temos pesquisas realizadas pela CODEPLAN (2018/2020), dentre dados achados nessa publicação: Imbuído no grupo de indivíduos com idade superior a 25 anos, que apresentavam alguma deficiência, 10,3% eram analfabetos(as), enquanto 33,6% tinham o ensino fundamental incompleto. Em contraste, essas proporções eram de 2,6% e 17,9%, respectivamente, para aqueles(as) sem deficiência. A porcentagem de pessoas com ensino superior era consideravelmente mais elevada entre os indivíduos sem deficiência – 33,8% – contra 18,7%, no caso de PcDs, haja vista que esses possuem 33% menor de chances de estarem empregadas, segundo pesquisa aludida.

Além disso, a maior parte dos trabalhadores formais com deficiência morava em regiões administrativas de média-baixa renda (47,2%), sendo suas rendas menores em relação às pessoas sem deficiências.

“Nós temos o mesmo objetivo! Nós queremos acessibilidade em todos os locais. Nós queremos uma vida com qualidade, com igualdade. É o nosso trabalho, não é? Nós tentamos mostrar que acessibilidade é importante para a gente. Nós queremos conhecimento igual. Nós queremos informação igual. Nós temos sonhos também. Eu quero chegar no mesmo objetivo.”

João Gabriel

Ao analisarmos esses dados, temos um panorama que ajuda a compreender as dificuldades que as pessoas com deficiência têm para alcançar os espaços acadêmicos para a formação em audiovisual, como os cursos de comunicação social e, em consequência e sobretudo, a inserção no mercado de trabalho.

Outro fator de afastamento é que nem mesmo os editais governamentais para fomento à cultura contam com recursos de acessibilidade, como tradução em Libras e linguagem simplificada, para pessoas com deficiência, dificultando ainda mais o acesso.

A pesquisadora deste guia, em 2024, fez uma investigação em relação ao número de inscrições de pessoas com deficiência no edital público de audiovisual: Edital n.º 21/2023 da Lei Paulo Gustavo (Distrito Federal). Somando as vagas disponibilizadas em todas as linhas de apoio, aproximadamente 8,77% delas foram reservadas para pessoas com deficiência,

totalizando a inclusão de 10 projetos, sendo que 11 das 17 linhas de apoio governamental não contaram com cotas para esse público. No total, foram 21 pessoas com deficiência do Distrito Federal inscritas – aproximadamente 2,85% das inscrições – para reserva de vagas, visto que apenas sete foram classificadas no resultado final de mérito, publicado em março de 2024.

Entre os critérios de avaliação e de pontuação do edital audiovisual da Lei Paulo Gustavo, estava “contratação e inclusão de PCD para atuar na produção e execução do projeto” (Brasil, 2024, p.1), discorrido no item “d”, que

“A mera presença de PCD na ficha técnica não garante a pontuação máxima. A pontuação é atribuída com base na análise do mérito cultural, tanto individual quanto comparativa, da relevância da participação de pessoas com deficiência na produção e execução do projeto.” (BRASIL, 2024, p. 1).

Os inscritos poderiam ter como máxima pontuação 4 e, se não cumprissem o estipulado, seriam desclassificados. No entanto, na publicação do resultado final de mérito cultural, sem cabimento de recurso contra a pontuação, o item 5 anulou esse critério:

“A classificação considerou a definição da SECEC-DF, no exercício da autotutela administrativa, visando o tratamento equânime entre os concorrentes, de invalidar os critérios de avaliação e pontuação “d” e “e” do Anexo III do Edital, com a extensão da pontuação prevista para os itens a todas as propostas inscritas e admitidas.”(BRASIL, 2024, p.1).

Então, se esse item fosse considerado efetivamente, os inscritos que seriam desclassificados, ou que não almejavam a verdadeira inclusão ao serem contratados como pessoas com deficiência em funções representativas para seus projetos, receberam também a pontuação máxima do item que fora anulado; logo, quem buscou cumprir o critério desde o primeiro momento e atingiu a pontuação máxima do item continuou com a mesma nota.

O acesso a outras formas de se aprofundar no audiovisual também é limitado para os surdos, já que muitas obras nacionais, até mesmo em plataformas de *streaming*, não contam com recursos de acessibilidade. Mesmo que vejamos pela perspectiva de lazer, o público com deficiência auditiva não consegue acessar filmes nacionais. Como se observa em Plataformas brasileiras, a exemplo a Globoplay, que conta com 94,7% dos filmes e séries brasileiras sem legendas descritivas em sua língua nativa – português (ABED, 2021).

“Acho muito importante a descrição da legenda para que o surdo por possa acompanhar e entender da mesma forma que o ouvinte acompanha.”

Germano Dutra

Assim, com falta de referências, com dificuldades no ensino e com o capacitismo, mesmo com interesse assíduo na arte e na cultura, podemos compreender como as pessoas com deficiência desistem de se aproximar do audiovisual, sobretudo se inserirem profissionalmente. A partir desse quadro, pensamos em como podemos

contribuir para discutir e melhorar o acesso aos espaços de produção.

O Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas foi elaborado por Beatriz Campos Cruz, pesquisadora surda oralizada produtora cultural, ativista por acessibilidade e estudante de graduação em cinema e em mídias digitais; Érico Monnerat, orientador de pesquisa, realizador, mestre em educação, professor universitário e pesquisador da área de audiovisual e educação; e Lourrainny Lima, assistente de pesquisa surda sinalizante, amante do cinema e atriz amadora.

A pesquisa surgiu como fruto de uma inquietação da pesquisadora Beatriz, que via dois polos no processo de produção audiovisual, o de pessoas surdas e o de pessoas ouvintes. Ela, enquanto surda oralizada, se encontrou em ambos os grupos, respectivamente, o segundo mais favorecido socialmente que o primeiro. Assim, começaram suas tentativas de unir ouvintes e surdos em sets de filmagem e, nesses momentos, foram encontradas barreiras de comunicação e falta de consciência de um grupo sobre o outro, em relação ao trabalho no audiovisual.

Antes do contato com os (as) entrevistados(as), foi feita uma revisão bibliográfica em 4 sites de trabalhos acadêmicos: Eric⁴, Google Acadêmico/Escolar, Scielo e Periódico Capes. Em português, as palavras-chaves pesquisadas foram: “audiovisual”, “surdez”, “cinema”, “surdo” e “produção” e em inglês: “deaf”, “movie”, “audiovisual”, “production”, “producer”.

A plataforma, com pesquisa em inglês, Eric contou com 395 resultados, sendo 7 deles relacionados ao tema deste guia.

Destrinchando esse número, as buscas foram em “deaf movie” (8 resultados, sendo 2 relacionados), “deaf audiovisual” (64 resultados, sendo 2 relacionados), “deaf” audio-visual (23 resultados, nenhum relacionado), “deaf producer” (13 resultados, 2 relacionados), “deaf production” (253 resultados) e “audiovisual by deaf” (34 resultados, 1 relacionado).

Já na plataforma brasileira Scielo, foram 222 resultados e apenas 1 relacionado a filmes produzidos por e para surdos. As palavras chaves buscadas foram: “audiovisual surdez” (2 resultados, 1 relacionado); “audiovisual surdo” (2 resultados, 2 relacionados); “cinema surdo” (sem resultados); “produção audiovisual” (99 resultados com o filtro brasileiro, 186 resultados sem filtro). e “produção surdez” (sem resultados com o filtro brasileiro, 32 resultados sem filtro).

Pelo Google Scholar, foram 201.300 resultados e 8 relacionados nas primeiras páginas de pesquisa. Buscamos “audiovisual surdez” (aproximadamente 15.300 resultados, 2 relacionados nas 6 primeiras páginas); “surdo cinema” (aproximadamente 22.900, 6 relacionados na primeira página); “audiovisual surdo” (aproximadamente 15.400 resultados). “produção surdez” (aproximadamente 58.100 resultados). e “produção audiovisual” (aproximadamente 89.600 resultados).

No Periódico Capes, brasileiro, obtivemos 1.922 resultados e 10 relacionados. As buscas foram em “audiovisual surdez” (7 resultados);

“audiovisual surdo” (71 resultados, 6 relacionados); “surdo cinema” (19 resultados, 4 relacionados); “produção surdez” (160 resultados); e “produção audiovisual” (1665 resultados).

Na pesquisa, foram entrevistadas 16 pessoas surdas, profissionais do audiovisual e interessadas em participar do mercado de trabalho nessa área. 9 entrevistados são residentes do Distrito Federal e 7 de outras regiões do Brasil¹. Dentre elas, poucas são especializadas em uma só área, oscilando entre várias especialidades, dependendo das oportunidades que surgirem. Desse montante, 14 entrevistados responderam em Libras, sendo que dois deles oralizaram junto, e 2 entrevistados apenas oralizaram. Foram feitas 12 perguntas semi-estruturadas sobre as experiências individuais de cada surdo durante produções audiovisuais.

Percebemos, em nossas entrevistas, que as pessoas com deficiências enfrentam muitos obstáculos para se profissionalizar e participar de forma ativa da produção das obras. Barreiras de comunicação, o preconceito e o desconhecimento das equipes de pessoas ouvintes dificultam o acesso dos surdos ao espaço de realização. Sabemos, com isso, que cada produção tem seus próprios desafios, mas buscamos reunir neste guia informações importantes para auxiliar surdos e ouvintes a planejar cada etapa da realização como um espaço de trocas, aprendizados e parceria.

¹A saber: Pernambuco, Santa Catarina, São Paulo, Curitiba e Rio Grande do Sul.

Não ter pessoas surdas em produções audiovisuais é reflexo das poucas oportunidades e de experiências que esse público acessa e como ele acessa. E infelizmente, como qualquer estrutura social, o capacitismo – preconceito e discriminação contra pessoas com deficiência – precisam ser desconstruídos.

“Se o surdo não tiver oportunidade é exclusão.”
Núbia Laismann

Playlist das entrevistas



<https://tinyurl.com/23zc2t6e>



3 Estética Acessível

A acessibilidade não se restringe apenas ao acesso físico aos espaços, mas também à forma como os conteúdos são apresentados e consumidos. No universo da produção audiovisual, isso se torna ainda mais evidente quando consideramos a necessidade de adaptar técnicas e abordagens para tornar os filmes e os vídeos verdadeiramente inclusivos. Este capítulo, intitulado "Estética Acessível", explora detalhadamente as práticas e considerações essenciais para garantir que a direção de fotografia, o som, a direção de arte e a montagem/edição sejam acessíveis e compreensíveis para todos, especialmente para o público surdo.



Dentro deste contexto, discutiremos como a direção de fotografia deve ser ajustada para facilitar a leitura da Língua Brasileira de Sinais (Libras), garantindo que as expressões faciais e corporais dos personagens sejam claramente visíveis. Além disso, abordaremos a importância da coordenação entre a direção de arte e a edição para evitar conflitos visuais e garantir que as legendas sejam legíveis e não compitam com outros elementos gráficos. A adaptação do som, pensando nas necessidades de diferentes graus de surdez, e a necessidade de colaboração entre profissionais surdos e ouvintes na produção sonora também serão pontos centrais deste capítulo. Cada seção oferecerá insights práticos e recomendações para criar um ambiente audiovisual verdadeiramente inclusivo, onde a estética acessível não só

facilita a comunicação, mas também enriquece a experiência narrativa para todos os espectadores.

3.1 Direção de fotografia:

Para pessoas surdas sinalizantes, aquelas que se comunicam primordialmente pela língua de sinais (no Brasil sendo a Língua Brasileira de Sinais - Libras), há necessidade da visualização da fala. A Libras é uma língua gesto-visual com utilização das mãos, do corpo e das expressões faciais. Os pilares da Libras se baseiam em 5 parâmetros: configuração de mãos, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão corporal e facial. Inevitavelmente isso influencia diretamente nos planos de filmagem de um filme no qual esse é o idioma principal.

A decupagem, forma de enquadrar as cenas, de um produto audiovisual deve ser feita pensando na visualização clara das falas dos personagens que usam a Libras, bem como deve manter um espaço para a legenda descritiva.

De forma resumida, podemos dizer que as produções devem sempre ter o cuidado com o enquadramento para contemplar a necessidade da língua, não estando muito perto, de modo que corte a sinalização, nem muito longe, tornando a visualidade ilegível, ou seja, mantendo a visualização do rosto e do tronco dos personagens. Nessa intenção, o plano médio, que enquadra a área aproximada do rosto à cintura, tem sido referência, de acordo com as entrevistas da pesquisa, pois esse enquadramento consegue equilibrar os gestos e expressões faciais presentes na cena importantes para a compressão da Libras.

Há ainda possibilidade de plano conjunto, com duas ou mais pessoas em cena, mas deve levar-se em conta que a leitura dos gestos é menos direta nesses casos. Sendo assim, a equipe deve pensar em formas de colocar os personagens em posições mais frontais ou que ainda favoreçam a gestualidade e as expressões. A direção de fotografia deve ficar atenta à profundidade de campo, ou seja, a área que está em foco na imagem. É importante que as mãos e o rosto estejam focados para que seja possível fazer a visualização da sinalização.

“Por exemplo, duas pessoas correndo, mostra o corpo. Quando começa a sinalizar, o plano é próximo, enquadramento mostrando o corte do plano nos cotovelos, próximo ao umbigo, um palmo acima da cabeça. Precisa de cuidado com a posição da legendagem, para não ser sinalizado e a legenda atrapalhar.”

Pammelleye Katherinne

Movimentos de câmera também devem ser pensados de forma a preservar a visualização da Libras. Ao acompanhar um personagem sinalizando, por exemplo, é necessário que a velocidade do movimento da câmera e do personagem seja compatível com a leitura dos gestos, já que zoom muito rápidos ou excesso de movimentos também podem ser distrativos.

“A equipe bilingue, que sabe Libras e sobre a cultura surda, consegue enquadrar os personagens surdos, gravar corretamente. Mas a equipe ouvinte não sabe focar no surdo, acaba cortando a sinalização na troca de cena, é um pouco diferente. Se o ouvinte não conhece a cultura surda, e o surdo não tem experiência,

pode ficar ruim, prejudicar. Melhor ter profissionais dos dois lados para adaptar.”
Saulo Machado

A iluminação também deve ser pensada de forma a favorecer a visualização das expressões faciais e dos gestos. Outra questão importante relacionada à iluminação é a necessidade de balancear a quantidade de luz usada e a configuração da câmera, tendo o cuidado especial com a velocidade do obturador na câmera durante a gravação para que os movimentos não fiquem borrados e ilegíveis.

“Eu faço filmes com mais luzes em focos laterais e em cima, por causa da visualização dos sinais, evitando sombras e onde não se vê o que está sinalizando. Para a sinalização é importante a luz. Às vezes a cor precisa ser mais clara. Para o ouvinte pode ser escuro porque é voltado para fala. Para o surdo é mais iluminado.”
Jacson Vale

O espectador surdo se apoia muito na visualidade e, por isso, as alternâncias entre os planos podem ser mais longas para maior absorção de detalhes e de imersão narrativa. A decupagem para o público surdo é mais voltada para o narrativo-visual, já que o som, a depender, não se faz presente de forma impactante.

“É interessante filmar, por exemplo, copo de vidro, quando ele cai, é interessante você filmar o copo quebrando no chão, a imagem, pro surdo sentir o impacto. Ele não vai ouvir mas vai sentir. A imagem parece um som, a imagem assusta também. O movimento da câmera é o som pra nós. É mais visual.”
Luérgio de Souza

Essas especificidades não anulam a liberdade artística do diretor de se expressar, pois a flexibilidade para angulações de câmera existe, assim como a colocação dos personagens dentro do enquadramento e a distância entre eles; logo, tudo isso pode e deve ser explorado.

3.2 Som

Quando os estudos falam sobre o audiovisual “tradicional”, não dirigido por surdos sinalizantes nem direcionado para esse público alvo, há entendimento do som como elemento fundamental para a experiência audiovisual. Sem a trilha sonora, a percepção do filme pelos ouvintes é brutalmente alterada, com pouca imersão, emoção ou expectativa. Por outro lado, para pessoas com deficiência auditiva o som pode ser secundário.

Considerando que há graus diferentes de surdez – leve, moderada, severa e profunda –, as experiências também condizem com essa diversidade. Aparelhos auditivos não substituem a audição, portanto o som pode soar, principalmente no início da adaptação, metálico, irritante e alto, já que a pessoa precisa criar o hábito de ouvir. Além disso, mesmo com diferentes configurações dos aparelhos auditivos, o processamento humano natural de “priorizar sons” em diálogos, músicas, ruídos ambientes e outros, não é o mesmo. É necessário também refletir todos esses elementos em casos de surdez unilateral, pela qual a percepção, principalmente dimensional do som é alterada.

“Os filmes de surdos e ouvintes são outros mundos, uma cultura aqui, outra cultura ali. No filme dos ouvintes a preocupação é o som, o foco na voz, na fala, a preocupação principal do ouvinte está nisso. O surdo visualiza a luz, iluminação nos sinais, toma cuidado com as sombras, o surdo pensa mais em gravar os sinais e o ouvinte na fala. O surdo foca na câmera, o ouvinte foca no som, no microfone.”

Renata Rezende

Elementos narrativos sonoros, como a narração *off*, falas *off*, barulhos que possam indicar informações do enredo, não têm tanto impacto quanto informações visuais, já que, geralmente, são mais acessadas por legendas. Por isso, para um produto audiovisual inclusivo, é interessante pensar no som de forma a integrar os recursos visuais.

Um bom exemplo é o caso dos filmes de terror. No filme *Coulrofobia* (2014), de Germano Dutra Jr, por exemplo, o diretor, surdo, utiliza a direção de arte de forma muito mais impactante que o som na construção da tensão do espectador, já que sua experiência com o som não é a mesma de ouvintes. Mas como seria, em futuros filmes de terror inclusivos, se esses dois elementos, direção de som e arte, fossem pensados para todos os públicos, com igual provocação?

“No momento do cinema, precisa pensar como o público surdo também vai sentir o som. Precisa colocar um som grave e alto, porque na hora do cinema eu sinto a vibração pelo chão e na poltrona.”

Luércio de Souza

Com mais personagens surdos dirigidos por pessoas com essa realidade, em colaboração com designers de som ouvintes, é interessante pensar em propostas artísticas de simulação da audição com surdez. Além de abraçar a diversidade surda e diferentes experiências, com e sem tecnologia, com e sem oralização, entre outros, haverá maior imersão e empatia do público com os personagens. Nessa perspectiva, como exemplos de produções com esses recursos, têm-se o “O Som do Silêncio”, de 2019, do diretor Darius Marder – filme em que o personagem principal tem surdez súbita e sua percepção auditiva é subjetiva para o espectador; e “A Surda Absurda”, adaptação do livro de igual intitulação, veiculado pela Apple TV+, da autora Cece Bell – série de animação infantil em que a protagonista em sua infância descobre sua deficiência auditiva e começa a usar aparelhos auditivos.

Haja vista que, dependendo da realidade, o cineasta surdo pode não perceber os sons/ ruídos em set e não refletir o som, como um elemento criativo, é indicado um trabalho cooperativo com profissionais ouvintes no *design* de som, nas gravações de som direto e até na montagem da trilha.

3.3 Direção de arte

A visualidade no audiovisual feito por pessoas surdas tem a clareza como a principal característica. Sendo assim, as escolhas da direção de arte têm influência direta nas aparições dos personagens e nos cenários que podem interferir na linguagem visual.

Alguns diretores surdos percebem como essencial que, durante a comunicação por

língua de sinais, as mãos e o corpo dos personagens não estejam confusos em termos de cores, de estampas e de distrações. Nesse contexto, recomendam-se figurinos de cores sólidas, sem estampas com muitos elementos. A depender, acessórios nas mãos, como anéis e pulseiras, também podem interferir nas movimentações. Outros diretores e artistas surdos veem esse recurso como uma opção de olhar artístico e não como uma limitação para a clareza da língua de sinais, estando, assim, aberto para interpretação do diretor. Ainda pensando em figurino, utilizar cores e símbolos visuais para caracterizar os personagens de forma mais evidente pode favorecer a clareza para os espectadores.

“Se a cor da roupa não combina com a Libras, fica escuro, difícil de ver, atrapalha. Precisa dessa estratégia para visualizar melhor a Libras, o movimento de pessoas, o ambiente atrás, o fundo. As cores do fundo precisam combinar para que fique bonito e mais claro para que não tenha distração, veja o personagem principal e chame atenção para assistir.”

Bruno Frauzino

O diretor deve ter o cuidado de enquadrar objetos que tenham uma função narrativa — como pistas visuais e placas escritas — fora da área de legendas, pois o primeiro deve estar visível (objeto) e o segundo legível (legenda).

Quando se reflete sobre pós-produção, é ideal que a paleta de cores não seja confundida com as cores comumente usadas em legendas, porque, a saber, cores, como branco, amarelo, ciano e magenta, podem

prejudicar a leitura das legendas em exhibições.

3.4 Montagem/Edição

A edição de um filme é o momento de organizar os planos e favorecer os aspectos de emoção, de ritmo e de narrativas do filme. Em acordo com essa preparação, em um filme inclusivo, é importante lembrar da forma como o público surdo vai fazer a leitura dos planos, pois é fundamental que a gestualidade seja vista por completo, isto é, não pode ser cortada antes de o personagem terminar sua sinalização para que a comunicação fique clara. Assim, os cortes devem respeitar o ritmo da Libras.

Os *fades* e as transições no fim das cenas devem respeitar o tempo para que seja possível incluir as legendas. Cortar um diálogo e já iniciar outro, sem um tempo de descanso e preparo para a leitura, prejudica o entendimento.

Importante prever também que, nos casos em que a identificação do lugar ou da passagem de tempo apareça escrita na tela, essa informação vai competir com a legenda, fazendo com que o espectador divida sua atenção. Portanto, é ideal que haja uma conciliação dos dois textos para que não exista essa concorrência.

A colorização geral do filme deve se preocupar com o contraste das legendas e com os escurecimentos ou com os clareamentos excessivos nos rostos que podem dificultar a compreensão dos gestos e das expressões.

É ideal também que o montador, pelo menos dos diálogos em língua de sinais, saiba o idioma utilizado. Durante essa pesquisa, encontramos dificuldade em captar profissionais especializados em montagem que soubessem a Língua Brasileira de Sinais fluentemente e não precisassem de acompanhamento para a edição das entrevistas em Libras.

4 Produção Acessível

Para garantir uma produção acessível aos surdos, é essencial promover a inclusão e a participação igualitária de todos os membros da equipe, respeitando as necessidades específicas dos atores e dos técnicos com deficiência auditiva em todas as etapas do processo de produção audiovisual. Desde a pré-produção, momento em que a acessibilidade do roteiro e a comunicação são planejadas, passando pela produção, que deve ser adaptada para garantir a efetiva participação de todos, até a pós-produção, na qual a acessibilidade do conteúdo final é assegurada, cada fase do processo deve ser cuidadosamente estruturada para garantir a inclusão. A distribuição também precisa considerar a acessibilidade, cumprindo as legislações vigentes e ampliando o alcance das obras audiovisuais. Neste guia, são apresentadas diretrizes e sugestões práticas para tornar cada uma dessas etapas mais inclusiva e acessível, garantindo que a produção audiovisual seja verdadeiramente democrática e inclusiva para todos. Por assim mencionar, cada obra possui desafios específicos, mas, de outro modo, sugerimos abaixo algumas formas de tornar o set um espaço de criação e segurança para todos:

4.1 Pré-produção:

A pré-produção é iniciada pelo roteiro. Nela, os membros da equipe devem sempre ter acesso ao texto escrito, mas muitos deles podem ter dificuldades com o português. Isso porque, dentro do grupo de pessoas surdas,



há uma grande diversidade, não só de grau de perda auditiva, mas de tecnologias assistivas, oralização, idade em que a surdez fez parte de sua vida e suas preferências pessoais. Dessa forma, antes de qualquer iniciativa, é importante perguntar qual a preferência de acessibilidade é a mais adequada para que a pessoa seja realmente incluída, pois não há ninguém melhor do que a própria pessoa surda para saber sua realidade e como ela se sente confortável para trabalhar na equipe.

Em casos de pessoas com língua de sinais como primeira língua, é fulcral que um intérprete esteja disponível para que o roteiro deva ser traduzido e as dúvidas sejam tiradas. Para pessoas fluentes em português, muitas delas utilizam a leitura labial e as legendas, sendo então essencial a atenção para falas com muitas interrupções, sem tomadas de vez definidas e em posições difíceis para visualização do rosto. As legendas podem ser por estenotipia, digitação ao vivo de profissional qualificado, ou automáticas de plataformas, como *Google Meet*, desde que se mantenha a atenção em relação à dicção para minimizarem os riscos de erros da inteligência artificial. Com efeito, reuniões coletivas de leitura e *storyboard*, por ser um recurso primariamente visual, podem auxiliar todos a compreenderem o texto.

“A gente junto, ele ouvinte, discutia, julgava e eu fazia gravações de vídeos de cada fala. Por exemplo, se alguém tivesse dúvida sobre as cenas, me perguntavam quais eram os sinais e como fazia. Eu me gravava, montava dentro do drive e youtube, encaminhava para uma pessoa responsável e eles distribuíam para os atores surdos, ouvintes e intérpretes.”

João Gabriel

A própria língua de sinais utiliza recursos visuais que se aproximam dos planos fotográficos do cinema, pois “...algumas ações mostradas em imagens cinematográficas criam alguns ambientes visuais com aspectos semelhantes com a língua de sinais que possibilitam o entendimento das narrativas pelos surdos” (CASTRO, 2012, p. 23). Por exemplo, ao narrar um acontecimento de uma batida de carro, não são utilizados os sinais que traduzem o sentido literal das palavras. Há toda uma contextualização visual se a batida foi frontal, lateral, em outro carro, em uma árvore e assim por diante. Nesse detalhamento, os movimentos da sinalização, junto com os outros parâmetros da língua, e a Libras têm semelhanças na forma comunicacional com o cinema. Então, de certa forma, surdos sinalizantes já têm alguma proximidade com a linguagem audiovisual e, visualmente, isso pode facilitar na projeção visual do filme.

As reuniões de pré-produção são momentos de planejamento e ensinam ganhar muito com as contribuições dos membros com deficiência na equipe. A presença de profissionais especializados em acessibilidade é fundamental para que seja feita essa troca de forma positiva e organizada. No caso de intérpretes tradutores, é importante pensar em um profissional que conheça os termos técnicos e a linguagem audiovisual.

“Chegaram duas novas pessoas que queriam trabalhar, elas não tinham função, porque elas não tiveram experiência de trabalho antes. Eu precisava abrir vaga para começar a trabalhar comigo, precisava ter surdo lá para inclusão no cinema, não fora, mas dentro do cinema. Eu

chefiava a equipe então eu escolhi. Tem muito ouvinte já e quase nunca entrou surdo. Foi ensinando um pouco porque não tinha muito tempo e eu tinha muita responsabilidade.”

Giuliano Robert

Videoconferências e mensagens gravadas são instrumentos muito utilizados durante toda a pré-produção; contudo, no contexto de inclusão, a equipe deve pensar em formas de tornar as instruções acessíveis a todos(as). Assim, ela deve contar, quando necessário, com um intérprete de Libras e(ou) legendas nas reuniões virtuais e enviar mensagens escritas, sem ser gravadas por voz.

A etapa de pré-produção também é muito importante no planejamento de tornar o filme mais inclusivo. Nas reuniões de cada departamento (Direção, Direção de Fotografia, de Arte, Som), deve-se pensar na estética do filme e no formato em que as escolhas podem deixar a obra mais acessível aos espectadores com deficiência.

4.2 Produção:

Infelizmente as pessoas com deficiência ainda têm poucas oportunidades de estar no set e participar de forma ativa em produções. Por isso precisamos de equipes audiovisuais interessadas em incluir e dialogar sobre acessibilidade em sets de filmagem. Em razão disso, é necessário que pessoas surdas tenham acesso aos espaços de realização, a fim de quebrar essas barreiras capacitistas, para que possam se profissionalizar e contribuir com seus olhares e com suas vivências.

As sugestões e as orientações de pré-produção, no que concerne às reuniões, permanecem equivalentes. Antes de qualquer etapa, é essencial que a equipe se conheça e saiba das particularidades comunicacionais de cada pessoa surda. E isso, inevitavelmente, se mantém nas gravações, porém o ambiente se torna mais ativo e pode acumular vários profissionais com comunicação acelerada.

Surdos sinalizantes devem ser acompanhados de intérpretes de Libras. O ideal é que cada pessoa tenha um tradutor, tendo assim maior liberdade de circulação e independência. O profissional de tradução e de interpretação precisa saber o vocabulário e os termos específicos do audiovisual em ambas as línguas para conseguir entendê-la e traduzi-la da forma mais fiel possível. Esse profissional talvez seja também uma boa indicação para a tradução do filme durante a pós-produção.

Paralelamente, é indicado que no set tenha um profissional de acessibilidade que consiga administrar a comunicação entre: cineastas ouvintes, intérpretes tradutores e pessoas com deficiência. Esse colaborador é responsável por mediar a socialização e as ordens entre os presentes no set, bem como solucionar barreiras comunicacionais. Um exemplo prático disso é a indicação de início de gravação de câmera e som.

“Quando a gente começava e falava por exemplo, ação, e começava a gravar, o surdo não sabia. Então botava a claquete na frente, para substituir, aí o surdo sabia que tinha começado a cena, quando botava o sinal na frente. Quando acabava, a gente fazia o sinal com as mãos”

Giuliano Robert

Para pessoas com deficiência auditiva, luzes piscantes costumam ser um indicativo de atenção, como em campanhas luminosas. Pode-se usar em set cores diferentes para cada indicação. Se a luz for um motivo para desregulação das configurações de câmera, também é possível que a equipe surda use pagers, como alertas por vibração. Estamos aqui falando em casos de projetos com verba, mas também é uma alternativa improvisar essa estratégia com SMS, ou buscar aplicativos que possibilitam essa função.

Os sets de filmagem envolvem uma grande quantidade de trabalho e muitas demandas muito específicas. Por essa razão, normalmente as produções têm uma estrutura de organização com distribuição de funções, uma hierarquia que busca dividir as tarefas, as atribuições e as responsabilidades por equipes – também chamada de departamento. É comum, infelizmente, que, durante a produção, haja preconceitos relacionados à capacidade de profissionais com deficiência exercerem suas funções, principalmente quando estão liderando equipes. A partir disso, a equipe deve se manter atenta para não haver desrespeito à hierarquia daquele profissional.

O(A) diretor(a) é a maior autoridade no que diz respeito à estética do filme, assim como abaixo dele existem os responsáveis por cada departamento. Sendo uma pessoa surda, seus subordinados não devem tomar decisões sem consultá-lo(a), ultrapassando os limites de sua autoridade, principalmente com suposições capacitistas.

“Porque os ouvintes, quando é um diretor surdo, uma pessoa com deficiência mandando numa pessoa sem deficiência, eles parecem se sentir ofendidos. Tipo, não aceitam. “Um surdo mandando em mim?” Não aceitam, parece que gostam de se sentirem superiores, sabe? Mas eu não! Eu sou diretor! Eu estou fazendo na minha responsabilidade.”
Luércio de Souza

Na dinâmica da produção, com uma velocidade de tomadas de decisões rápida, os profissionais ouvintes muitas vezes não têm paciência em esperar a interpretação em Libras, e ultrajam as decisões dos surdos. Em nossa pesquisa, muitos(as) diretores(as) surdos(as) trouxeram a recorrência desse problema, aliado ao cansaço e à frustração, por terem suas escolhas ignoradas ou modificadas.

4.3 Pós-produção:

Durante a produção de acessibilidades comunicacionais, para o produto audiovisual, é importante que legendas descritivas, tradução em Libras e audiodescrição tenham acompanhamento de consultoria. Esse suporte deve ser feito pelas pessoas com deficiências que usam cada uma dessas acessibilidades, porque, assim, a margem de erros será reduzida, assim como a garantia de maior inclusão, maximizada. No caso desta pesquisa, o foco são os recursos para pessoas com deficiência auditiva.

Muitos se enganam quando pensam que qualquer pessoa surda que faz leitura labial não precisa de legendas, já que a leitura labial também exige especificidades, como clareza

na iluminação, silêncio ambiente, dicção do orador, entre outros. Em filmes, muitas cenas contam com ruídos, músicas, atores virados de costas, câmeras tremidas, sotaques de diferentes regiões e isso tudo interfere no entendimento da narrativa quando não se têm legendas.

“O que é som de rádio? O que é grito? O que é passarinho? O que é barulho de carro? Qual é o som? Eu não vou saber, é confuso, é difícil. Eu tenho que chamar o ouvinte- tá ouvindo que som é esse? Ah, é carro? Entendi -. Eu dependo do ouvinte, porque eu não escuto.”

Amanda de Oliveira

Além dos diálogos e das falas serem legendados, é fundamental descrever todos sons do produto audiovisual, já que sem legendas que expressem contextualização sonora narrativa, o surdo fica perdido. É válido ressaltar que as legendas descritivas tornam o audiovisual acessível para várias pessoas, para além de surdos, como exemplo pessoas que estão com crianças dormindo e não podem aumentar o volume, em transportes públicos sem fone de ouvido, neurodivergentes com maior sensibilidade auditiva, bem como outras também, se beneficiam desse recurso comunicacional.

A profissão de legendista ainda é subvalorizada e, infelizmente, isso vem crescendo com as legendas automáticas de inteligência artificial. É necessário entender, com isso, que a tecnologia se versa como um potencializador, contudo ela sozinha ainda não é impecável tanto na gramática quanto nas técnicas necessárias para leitura fluente durante o audiovisual. Em relação às questões

técnicas específicas das legendas, como cores, quantidade de caracteres, posição, velocidade e alinhamento, é indicada em consulta ao ENAP (2018) no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis.

O(A) tradutor(a) intérprete de língua de sinais deve ter um estudo prévio do filme e do texto a ser traduzido. Como qualquer idioma, se a tradução for improvisada, ou o texto lido, e o filme assistido apenas uma vez, ela vai ser literal e, com efeito, o sentido alterado. A interpretação é necessária por meio da consultoria de um surdo sinalizante para dúvidas e adaptações ao contexto. É essencial também que, durante a gravação do(a) intérprete, ele(a) seja enquadrado de forma a contemplar toda a movimentação corporal, assim como o fundo não seja poluído.

4.4 Distribuição:

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) de 2015, protege a pessoa com deficiência e garante o direito de recursos de acessibilidade em todas as sessões de salas de cinema e todo serviço de radiodifusão de sons e imagens (LBI, 2015). Contudo, infelizmente, festivais, mostras e exposições de forma geral não costumam ter acessibilidade, pois, mesmo com cerca de 10 anos da publicação, muitos produtores culturais insistem em privar um percentual da população.

“Eu não sei onde tem filmes com interpretação. Vou lá, o intérprete é ruim, sinaliza mal, eu acabo perdendo tempo. Na hora de eu falar ele corta as palavras que eu quero dizer, tem várias coisas negativas.”

Fábio de Sá

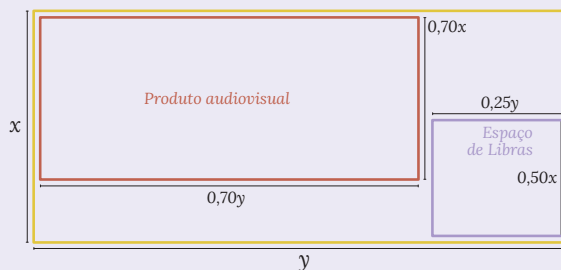
Em dezembro de 2023, durante a escrita deste guia, houve, na Câmara dos Deputados, audiência pública com o tema: Inclusão e acessibilidade nas obras audiovisuais no Brasil, na qual a pesquisadora Beatriz esteve presente. Ela pontua o descaso de produtores em pensar a verba como aumento de proporção dos eventos, em vez de qualidade e de ampliação de público, como o Festival de Brasília. Esse evento é financiado pela Secretaria de Cultura do Distrito Federal, que em 2023 contou com cerca de R\$3 milhões, porém falhou na acessibilidade novamente. A pesquisadora, ainda, presenciou o evento com apenas algumas sessões com legendas por aplicativo que não funcionou em diversos celulares, precisando de um aparelho emprestado da produção, e ele também dessincronizou nos primeiros minutos do filme.

Beatriz também comenta de uma tecnologia implantada recentemente por meio da qual o público usuário de legendas e de Libras as acessa mediante aplicativo no celular, precisando segurar o dispositivo móvel enquanto olha para a tela projetada. Essa “solução” é pensada para não interferir no público que não tem o costume de assistir a filmes com acessibilidades queimadas na tela, mas ainda não é efetiva como modo de inclusão.

No Guia citado anteriormente, Guia de Produções Audiovisuais Acessíveis (ENAP, 2018), a indicação é que a janela de Libras seja 70% menor do que o produto audiovisual em exibição. Nas entrevistas feitas para a composição e para o embasamento deste guia, vários surdos relataram que esse tamanho é pequeno para a visualidade e, considerando que usuários da Libras

precisam alternar o olhar entre o filme e a janela, indicamos que metade da tela seja com a interpretação e a outra metade com o produto audiovisual. Em relação ao modo de exibição das legendas, o ideal é que sejam queimadas no arquivo, mas outra alternativa é utilizar uma tela de projeção específica para as legendas, abaixo da projeção geral.

Figura – Espaço de Libras na tela



(fonte: Guia para produções audiovisuais acessíveis)

Produtores audiovisuais podem apoiar o movimento de acessibilidade em exibições de festivais e eventos enviando os arquivos de acessibilidade (mesmo quando não solicitados), assim como o produto audiovisual com os recursos queimados (a menos que seja expressamente proibido), e cobrando da gestão dos eventos para que haja disponibilização dos recursos.

Produtores de eventos podem apoiar o movimento ao cobrar nas inscrições os recursos de acessibilidades e a eliminar os que não tiverem ou produzem esses recursos para artistas independentes com contratos devidos de direitos autorais e o que for necessário.

Considerações Finais

Chegamos ao final do Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas almejando que ele possa contribuir para um ambiente mais inclusivo no audiovisual. Consideramos que ainda existem muitos outros espaços a serem conquistados na intenção de que produtores surdos consigam se profissionalizar, exercer sua arte e distribuir suas obras de forma ampla para surdos e ouvintes.

Dito isso, a criação de editais voltados para produção de pessoas com deficiência e as reservas de vagas são fundamentais para que os profissionais tenham acesso aos recursos de forma mais justa, mas são insuficientes se não houver capacitação para que os profissionais surdos consigam formatar seus projetos, bem como apresentá-los de forma mais natural, visto que o português não é a primeira língua de muitos surdos e o acesso à educação dessa comunidade ainda é restrito. A avaliação dos editais precisa levar em conta essas especificidades e compreender que a burocracia estrita pode inviabilizar a participação dessas pessoas.

Sugerimos, também, a criação de cursos de formação, festivais e outros espaços para produtores surdos, em que esses possam se capacitar e trocar experiências. Sabemos, aliado a isso, das dificuldades que pessoas com deficiência enfrentam para conseguir iniciar na carreira e de se inserir no mercado e acreditamos que, com mais oportunidades

de formação, novos grupos de realizadores possam ser criados, ampliando a comunidade desse contingente e também o mercado.

“Tem filmes famosos que às empresas não chamam pessoas com deficiência, chamam pessoas ouvintes para fazer papel de pessoa com deficiência. Porque não chama uma pessoa com deficiência? Nós estamos lutando para quebrar esse tabu, para mudar isso. O Brasil já começou a mudar. Muitas pessoas com deficiência estão trabalhando. E participar da inclusão, comentar, trocar informações, isso é acessibilidade, isso é ser inclusivo.”

Igor Rocha

As novas tecnologias de legendagem automática e de transcrição de texto são ferramentas importantes, auxiliando os processos de acessibilidade, mas não são suficientes para dar conta da diversidade da língua e das sutilezas da comunicação. Por essa razão, consideramos que as graduações e os cursos técnicos audiovisuais reconheçam a acessibilidade comunicacional como parte das produções e invistam em capacitar seus alunos na área. É necessária, com isso, a formação sobre os recursos comunicacionais – como legendas descritivas, audiodescrição e interpretação em Libras –, que tornam profissionais mais qualificados para o mercado audiovisual, que vem, cada vez mais, reforçando a urgência da inclusão.

Dessa forma, a ausência da legendagem e da interpretação em língua de sinais ainda continua como uma barreira demasiada para o acesso dos surdos ao conteúdo audiovisual contemporâneo, item mais que necessário para uma inclusão verdadeira. Todos os

editais destinados à produção devem prever de forma clara que os produtos devem ser entregues com as diversas formas de acessibilidade, facilitando assim a sua circulação de forma ampla. Nessa perspectiva, as plataformas de *streaming* e os canais de televisão devem sempre oferecer as opções de legenda, contudo infelizmente isso ainda não é aplicado e, conseqüentemente, está muito distante de ser regra nesse âmbito de produção e de veiculação audiovisual.

Em outro setor, as ações de fomento à criação e a realização de festivais devem deixar mais claro quais são os itens de acessibilidade obrigatórios e o formato em que serão oferecidos ao público, do mesmo modo que as autoridades devem fiscalizar se esses itens estão sendo realmente disponibilizados de maneira adequada.

Aqui falamos também de um processo de conscientização e de capacitação dos produtores de evento acerca do funcionamento e da operacionalização da acessibilidade. Percebemos, diante desse pressuposto, que existe uma tentativa de adaptação de muitos festivais, mas que muitas vezes resultam em soluções ineficazes durante a exibição, como aplicativos que projetam a legenda de forma sincronizada ou que necessitam de tecnologias nada práticas para o público.

Ainda no campo dos festivais, já ouvimos muitos realizadores não-surdos que se sentem incomodados com a presença de legendas e de intérpretes na sessão, os quais advogam que essa prática causa distração do restante dos espectadores. Nesse caso,

acreditamos que o preconceito e a não compreensão do que significa acessibilidade, como um fator do processo de inclusão, é o verdadeiro problema, já que a acessibilidade é um direito e isso não deve ser questionado. No entanto, é preciso que essa informação circule e reverbere entre todos os realizadores, de maneira ampla, promovendo assim um processo de empatia e conhecimento sobre as necessidades de todos os públicos. Com efeito, acreditamos que o Guia de Produção Audiovisual Dirigida por Pessoas Surdas possa ser mais uma ferramenta para a construção de espaços mais plurais e acessíveis.

Referências

Edital:

BRASÍLIA (DF). Edital n.º 21/2023 da Lei Paulo Gustavo. Disponível em: <https://www.leipaulogustavodf.com.br/audiovisual>. Acesso em: 25 mar. 2024

Artigo:

CRUZ, Beatriz Campos & Filho, Elias do Nascimento Melo. Dificuldades nas aulas remotas de estudantes com surdez em relação à disponibilização de legendas em obras audiovisuais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2022, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: ABED, 2022. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2022/anais/trabalhos/77721.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2023

Sites de pesquisa:

ACCESSIBLE FILMMAKING. Disponível em: <https://accessiblefilmmaking.wordpress.com/#production>. Acesso em: 7 nov. 2023

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 7 nov. 2023

SCIELO. Disponível em: <https://www.scielo.org/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PERIÓDICOS CAPES. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 7 nov. 2023

Lei:

BRASIL. Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 7 nov. 2023

Dissertação:

SILVA, João. A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado em Área de Estudo) – Programa de Pós-Graduação em Área de Estudo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100721>. Acesso em: 10 ago. 2023

Série e livro:

BELL, Cece. El Deafo. [S.l.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://tv.apple.com/us/show/el-deafo/umc.cmc.775eomzc9ljk7bop9shbu7m0>. Acesso em: 10 ago. 2023

BELL, Cece. El Deafo. Nova York: Amulet Books, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/El-Deafo-Cece-Bell/dp/1419712179>. Acesso em: 10 ago. 2023

Filmes:

COULROFOBIA. Direção: Fulano de Tal. [S.l.]: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NlapGFXAmk>. Acesso em: 5 dez. 2023

SOUND OF METAL. Direção: Darius Marder. [S.l.]: Amazon Studios, 2020. Disponível em: <https://www.primevideo.com/-/pt/detail/Sound-of-Metal/0KR18X1ZL7MVLGZITZOLC84MW>. Acesso em: 14 nov. 2023

Sites:

CODEPLAN. Pessoas com deficiência (PCD) e mercado de trabalho no Distrito Federal: uma análise dos dados da RAIS, PDAD, PED e do IBGE. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/Estudo-Pessoas-com-deficie%C3%A2ncia-PcD-e-mercado-de-trabalho-no-DF.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024

CODEPLAN. Retratos sociais DF 2018: pessoas com deficiência: perfil demográfico, emprego e deslocamento casa-trabalho. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Estudo-Retratos-Sociais-DF-2018-Pessoas-com-defici%C3%A2ncia-perfil-demogr%C3%A1fico-emprego-e-deslocamento-casa-trabalho.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2024

ERIC - Educational Resources Information Centre. Biblioteca digital online de pesquisa e informação educacional, patrocinado pelo Instituto de Ciências da Educação do Departamento de Educação dos EUA. Disponível em: <https://eric.ed.gov/>. Acesso em: 26 jan. 2024

GODOI, E. Aspectos introdutórios à Língua de Sinais: parâmetros da Libras. Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, 2021. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34957/1/E-book_Libras%20%282021%29_a.pdf#page=25. Acesso em: 26 jan. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2,5 bilhões de pessoas têm deficiência auditiva. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/deafness-and-hearing-loss>. Acesso em: 26 jan. 2024

PINHEIRO, Nádia. O Vento. In: ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, vol. 14, n. 4, pp. 1151-1172, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451671013.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2024

TEIXEIRA, Maria. A educação da pessoa com deficiência auditiva no Brasil. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Teixeira-72/publication/329380628_A_educacao_da_pessoa_com_deficiencia_auditiva_no_Brasil/links/61722046435dab3b7594a326/A-educacao-da-pessoa-com-deficiencia-auditiva-no-Brasil.pdf. Acesso em: 26 jan. 2024.

Obras:

ENAP. Guia para produções audiovisuais acessíveis. Brasília: ENAP, 2018. ISBN: 978-85-62128-14-1.

IBGE. 17 milhões de pessoas com deficiência auditiva no Brasil. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-pesquisa-nacional-de-saude.html>. Acesso em: 26 jan. 2024

Vídeos:

YOUTUBE. Inclusão e acessibilidade nas obras audiovisuais no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9O2GTjLNKEE&t=3061s>. Acesso em: 26 jan. 2024

Créditos

Equipe

Pesquisadora
Beatriz Cruz

Assistente de pesquisa
Lourraynny Lima

Orientador teórico
Érico Monnerat

Produtor executivo
Gustavo Fontenele Dourado

Consultora de Acessibilidade
Núbia Laismann

Intérprete de Libras
Gabriela Rosa

Intérprete de Libras (poesia)
Renata Rezende

Revisor de texto
Diego Hilarino

Ilustradora
Santa Surda

Dublagem (entrevistas)
Mundo Grande Acessibilidade, Heloísa Palma e Vinicius M. Soares

Locução
Heloísa Palma e Vinicius M. Soares

Designer Gráfico e Diagramador
João Campello

Captação de imagem e som (entrevistas)
Ana Luiza Menezes e Fred

Fotografia Still
Isabelle Araújo

Editor de vídeo (entrevistas)
Nate Braga

Transcrição das entrevistas em Libras para português
Standwolf Production

Auxiliar de serviços gerais
Patrícia Affiune

Legendagem e tradução Libras-Português
Mundo Grande Acessibilidade

Assessoria de imprensa
Tato Comunicação

Entrevistados

Distrito Federal

Amanda de Oliveira Gomes
Bruno Frauzino Silveira
Jacson Vale
Lourraynny Lima
Luércio de Sousa
Núbia Fernanda Laismann
Pammelleye Katherinne
Renata Rezende
Saulo Machado

Outras regiões

Fábio de Sá e Silva (SP)
Germano Carlos Dutra Junior (SC)
Giuliano Robert (CWB)
Isabella Bauer (POA)
Igor de Andrade Rocha (PE)
João Gabriel Duarte Ferreira (SP)
Marcelo de Carvalho Pedrosa (PE) - sem registro em vídeo



Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Parceria

redô
AUDIOVISUAL

Realização/ Produção

Inclusiva,
Cultura

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

